



O olho da Câmera como o Quinto Árbitro: o juiz de futebol e os olhos eletrônicos da cobertura do fato esportivo¹.

Ricardo Duarte Gomes

(Universidade Salgado de Oliveira - UNIVERSO)

Jornalista, Roteirista de RTV, Mestre em Comunicação e Professor Assistente I dos cursos de Comunicação Social e Turismo. Membro do Colegiado do curso de Comunicação Social da Universo, campus Recife.

mail: semog_33@yahoo.com.br

Edilma Pereira da Silva

(Universidade Salgado de Oliveira – UNIVERSO)

Jornalista, Aluna egressa em 2004.2 do curso de Comunicação Social da UNIVERSO.

mail: edilmap@asertiva.com.br

Resumo

Descrição e Análise exploratória da situação invertida do panóptico de Michel Foucault na cobertura do futebol ao vivo na tevê, observando a posição de muitos que observam um (a atuação do árbitro do jogo), bem como levantamento de problemáticas e questões de apoio a outras pesquisas na área de Comunicação e Esportes. Toma-se as definições do sinóptico de Mathiesen, em artigo publicado na Revista Margem (1999), aplicando ao estudo as variáveis de Foucault (controle, vigilância e punição). Metodologia: uso em primeiro momento de um *focus-groups* com três árbitros de futebol sobre o assunto e, em segundo momento, utilização de um programa de entrevistas semi-estruturado e método qualitativo com árbitros de futebol e jornalistas editores da TV Globo, para pesquisa de levantamento de problemáticas e questões, como recomenda Antonio Carlos Gil (1999) para pesquisas exploratórias.

Palavras-chave: Esporte e Ciência; Mídia Esportiva; Jornalismo Esportivo; Futebol ao vivo.

1. Introdução

Este estudo teve por objetivo realizar uma pesquisa exploratória sobre a provocação causada pelas tecnologias de captação de imagens, de edição de imagens e do videoteipe com relação à cobertura telejornalística de jogos de futebol. Tenta-se compreender nuances do debate provocado pelo “olho eletrônico” das câmeras na beira do gramado do estádio de futebol que ao que parece estariam desestabilizando a credibilidade do primeiro árbitro.

Sabe-se que a câmera e os equipamentos técnicos de uma ilha de edição são, ao mesmo tempo, parciais (não captam a totalidade do acontecimento) e, por que não, mais verdadeiros que o olho humano (revelam lances e jogadas que o olho humano não consegue captar).

Por sua vez o videoteipe, astro dos programas esportivos sobretudo durante o bloco “gols da rodada”, ainda não tem reconhecida uma função de grande importância para o futebol: se por um lado o videoteipe pode gerar protestos por parte da opinião pública (a

¹Trabalho apresentado ao NP 18 – Comunicação e Esportes, do XXVIII Encontro dos Núcleos de Pesquisa da Intercom.

torcida de um time), por outro tem potencializada a sua capacidade de sanear as dúvidas ocorridas durante uma partida, no momento em que ela estiver acontecendo. Talvez a função do videoteipe no telejornalismo esportivo, usada enquanto “imagem fria” (gravada e reproduzida no dia seguinte), esteja no lugar da função do videoteipe enquanto “imagem quente” (gravada e reproduzida, segundos após a ocorrência). Ou seja: as câmeras ao redor do espetáculo de uma partida de futebol e o videoteipe funcionando enquanto “imagem quente” seria o Grande Irmão (*Big Brother*) para árbitros, comissão técnica e jogadores no ato da partida.

Sendo assim, o videoteipe se transformaria no árbitro dos árbitros, o olho eletrônico do quinto árbitro atuando como “advogado de defesa” ou “promotor público”; a máquina como centro do universo, não mais o homem.

Entretanto, essa passagem do antropocentrismo para o tecnocentrismo – que caracteriza o paradigma do mundo contemporâneo – ainda é polêmica para a cultura estrutural da FIFA (*Fédération Internationale de Football Association*), servindo mais como um obstáculo do que como solução no que diz respeito às leis mais tradicionais do futebol.²

A FIFA fundada em 1904, conserva até hoje as bases do código único de regras criado no *Trinity College*, que deram origem às leis atuais do futebol: as quatorze regras de *Cambridge*.³

A consequência disto é que os representantes desta entidade têm uma certa resistência a mudanças, procuram assim não acompanhar a modernidade e as novidades tecnológicas advindas das técnicas de edição de imagens dos jogos. Preserva-se o velho ditado de que: “em time que está ganhando não se mexe.”

O interessante é que profissionais da área como árbitros e jornalistas esportivos, concordam, até certo ponto, com a FIFA. Eles acreditam que se tais recursos forem utilizados no decorrer do jogo, como acontece no futebol americano, poderá tirar um pouco do brilho da partida, tornando-a impraticável. Isso fatalmente aconteceria por ser um esporte muito dinâmico⁴.

Outro problema seria o fato de muitos treinadores ou dirigentes de futebol, por não aceitarem que o time vai mal e como consequência esta perdendo o jogo, iria parar a partida a todo o momento alegando que o árbitro estava prejudicando sua equipe.

² Entrevista concedida aos pesquisadores em 14/09/2004 (gravado)

³ C.f.: www.canalkids.com.br/esporte/futebol1/dia.htm. Capturado em setembro de 2004

⁴ Entrevista concedida aos pesquisadores em 25/09/2004 (gravado).



Por outro lado, entendem que o videoteipe seria importante para corrigir determinados tipos ou situações de arbitragem, porém, para isso acontecer, sua utilização estaria restrita apenas ao término do jogo. Alguns até defendem a criação de uma punição exemplar para os árbitros, os quais apresentassem erros grotescos⁵.

Apesar da Confederação Brasileira de Futebol (CBF) já permitir o uso do videoteipe pelos clubes em audiência no Supremo Tribunal de Justiça Desportiva (STJD), e estar pensando em instituir uma alteração no código desportivo⁶, as decisões costumam ser demoradas e muitas vezes a punição não existe.

1.1. Aproximando o Debate

A televisão veio unindo som e imagem. A imagem por ela mostrada é tida como “verdadeira”, ou seja, contra o poder de uma imagem não há argumentos. Então, porque não usufruir desta “verdade” para eliminar (ou sanear) qualquer dúvida que venha surgir no decorrer de uma partida de futebol?

Bourdier (1997:13) lança a seguinte afirmativa: “*É uma imagem justa*”, mas, “*É justa uma imagem*”. Se adaptarmos a segunda afirmativa para situação atual do futebol, então podemos reescrevê-la da seguinte forma: *É justo uma imagem não poder dizer mais? Haveria uma espécie de censura da imagem? É nessa hora que entra em discussão o uso das tecnologias da televisão e o videoteipe é uma delas.*

É provável que a função do videoteipe no Brasil a princípio tenha sido a de melhorar a difusão da programação televisiva, com ele torna-se mais fácil fazer televisão⁷. Apesar do sistema ao vivo ter sido interessante, os problemas que ocorriam em um set de gravação, não eram tão facilmente nem rapidamente resolvidos. Isso não significa que se desaconselha o uso da programação ao vivo, ou que essa forma de fazer um programa não mais exista, porém, os contratempos são resolvidos com mais rapidez.

Segundo Moraes e Duarte (1995), após o primeiro campeonato mundial de futebol em 1958, houve um crescimento da editoria esportiva tanto no rádio como no impresso. Depois de 1970, ano em que foi transmitida a primeira Copa do Mundo ao vivo e em cores via satélite⁸, a comunidade jornalística passou a reconhecer que fazer esporte era preciso e a editoria de esportes na TV ganha dimensão.

⁵ Entrevista concedida aos pesquisadores em 20/08/2004 (gravado).

⁶ C.f.: www.pernambuco.com/diario/2003/12/17/esportes2_0.html. Capturado em setembro de 2004.

⁷ C.f.: www.rcb.org.br/art.tegemarisa.htm Capturado em: novembro de 2004.

⁸ C.f.: www.educacional.com.br/educacao_fisica/mundo_esportes/mundo001.asp. Capturado em novembro de 2004.

Talvez por conta disto emissoras passem a cobrir os principais jogos dos campeonatos internos. Ao que parece o videoteipe surge no jornalismo esportivo da TV com a função de transmitir os gols da rodada (em conjunto com a “zebrinha” da loteria esportiva, na TV Globo).

Essas transmissões ao vivo, os gols da rodada e o *replay*, geram uma lacuna nas emissoras e a necessidade de ser criado um programa de debate, como já acontecia com o rádio, para se discutir e analisar todos os lances da partida; nasce então a famosa mesa redonda esportiva. Esses programas invadem as telas brasileiras a partir da década de 60 e ao longo dos anos ocupam um espaço cada vez maior (Savagli, 2004).⁹

Dedicado ao jornalismo esportivo e, principalmente ao futebol, esses programas têm no videoteipe o recurso principal que vai gerar as discussões momentâneas nele apresentado. É ele quem vai mostrar as melhores jogadas, como também, as falhas dos árbitros, tirar as dúvidas que surgiram na partida e condenar ou absolver, junto à opinião pública, árbitros e jogadores.

É preciso tirar os recursos tecnológicos gerados pela edição de imagens do *off-side* (impedimento) e deixa-lo realizar o seu trabalho que é fazer justiça nas partidas de futebol.

1.2. As transmissões do futebol pela Televisão

Durante muito tempo o rádio era o mais próximo que o brasileiro tinha das transmissões de futebol. MacLuhan afirma que um veículo de comunicação é a repetição do anterior: no início, a imprensa falada repetiu a escrita; o cinema repetiu o teatro.; a imprensa televisiva repetiu a radiofônica. Assim, então, o telejornalismo esportivo copiou o sucesso consolidado do radiojornalismo esportivo

Em 1950 Assis Chateaubriand, após importar milhões de aparelhos de televisão para o Brasil, inaugura a primeira emissora de televisão a TV Tupi que tinha como mascote um índio (Maciel, 1995). Em 15 de outubro de 1955, acontecia a primeira transmissão de um jogo de futebol ao vivo direto da Vila Belmiro (Estádio sede do Santos Futebol Clube) em Santos, cidade do litoral paulista. Estava assim inaugurada a primeira transmissão externa e ao vivo¹⁰.

Nos compêndios sobre a história do futebol brasileiro consta o episódio dos engenheiros da Tupi que montaram um “link” na Serra do Mar, permitindo a retransmissão do sinal para São Paulo, isso só foi possível porque Santos fica a 70 km da capital onde estava o

⁹ C.f.: www.saopaulofc.net/especiais . Capturado em agosto de 2004.

¹⁰ C.f. www.tvgazeta.com.br/historia. Capturado em novembro de 2004.



prédio sede da estação de TV. Ainda assim o rádio continuava a ser o maior transmissor de jogos de futebol. Em 1958 foi por ele que os brasileiros puderam acompanhar, ao vivo, o primeiro campeonato mundial do Brasil.

O rádio se tornava ainda mais forte, porque naquela época a programação da televisão era ao vivo e a transmissão do futebol nos mesmos moldes era muito trabalhosa e complicada, haja vista que as Copas eram disputadas fora do país e o satélite ainda não existia, pelo menos para o Brasil.

Os compêndios sobre a história do futebol brasileiro também mostram que a partir da Copa de 1962 o Brasil passa a ter imagens através do videoteipe, tecnologia usada em prol do futebol que ajudou a divulgar ainda mais este esporte. Eram imagens em preto & branco, gravadas e transmitidas pela televisão. A desvantagem deste sistema, neste caso, é que a emoção não era a mesma, pois o público já tinha conhecimento dos resultados. Na copa de 1966 a sistemática foi a mesma.

Este mesmo ano fica marcado como o do lançamento do primeiro satélite pelos Estados Unidos, o qual proporcionaria a transmissão ao vivo, o que aconteceu para alguns países da Europa. Entretanto, o Brasil só teve a oportunidade de assistir a uma Copa do Mundo ao vivo quatro anos mais tarde.

O surgimento do satélite torna a transmissão das partidas ao vivo mais fácil, mais uma vez é a tecnologia a serviço do futebol, e na Copa de 1970, no México, o país pára diante de um aparelho de televisão para acompanhar a seleção canarina e vê-la fazer os quatro gols da vitória sob a azurra italiana, e é pela primeira vez que milhões de brasileiros sentem a alegria de ver o fato esportivo no momento em que acontecia: o Brasil tri-campeão mundial ao vivo.

As transmissões televisivas, ao vivo, contribuem ainda mais para a popularização do futebol e para o crescimento do jornalismo esportivo. Este foi o lado negativo para o rádio, alguns de seus melhores jornalistas começaram a migrar para televisão, dentre eles o “professor” Armando Nogueira. Isso fez com que as emissoras de rádio perdessem muitos de seus patrocinadores dos programas esportivos que, tais como os jornalistas, migram para a televisão. Entretanto a migração do rádio para a televisão foi um processo gradativo até porque nem todo mundo possuía aparelhos de tv, apesar desses terem sido vendidos a um custo baixo.

A diferença fundamental entre estes dois meios de comunicação tanto nas transmissões dos jogos ao vivo, na cobertura dos clubes como nos programas esportivos, está na imagem. É



ela quem determina a natureza e cobertura das reportagens que irão ao ar, porque ela fala por si só.

O aparecimento das TV's a cabo e as mudanças de ordem econômica no tratamento do evento esporte pelas rádios, também são fatores que contribuem para que algumas rádios se desinteressem pela transmissão esportiva. Hoje poucas emissoras possuem alguma ligação com o esporte, melhor dizendo, com o futebol.

Além das transmissões a televisão inicia sua jornada esportiva com os famosos programas de debates esportivos no qual o centro era o futebol, como é até hoje. Estes programas começam a invadir as telas brasileiras a partir da década de 60, e através dos anos vem tomando um espaço cada vez maior¹¹. Essa longevidade deve-se ao fato do brasileiro ser apaixonado por futebol. No início eles eram gravados e transmitidos em videoteipe; hoje é ao vivo.

Os programas esportivos são veiculados diariamente, local e nacional, principalmente na TV por assinatura, diferentemente, os programas de debate ocorrem semanalmente e de preferência aos domingos.

Composto por entrevistas, melhores momentos e gols da rodada, tem como ponto alto às polêmicas ocorridas no jogo que vai desde um “carrinho” (expressão usada para denominar uma jogada – entrada - maldosa caracterizada por falta que pode gerar um cartão amarelo) até a invasão da torcida em campo, passando pelos erros de uma má arbitragem, e tudo isso fica registrado para que seja mostrado varias vezes.

2. Marcos teórico e metodológico

2.1.Marco Teórico

O conceito do panóptico de Jeremy Benthan utilizado por Michel Foucault em “Vigiar e Punir”¹² trata da vigilância e da ênfase nas mudanças e rupturas do século 12 a partir de arranjos sociais em que muitos vigiavam poucos para atividades de vigilância modernas nas quais poucos vigiam muitos.

Em linhas gerais o panoptismo se desenvolve tomando por base um fato ocorrido no século 19, nas regras da “prisão para jovens de Paris”, onde a vida dos jovens era regulada nos mínimos detalhes, como explica Mathiesen (1999:78):

¹¹ C.f.: www.saopaulofc.net. “Sala de Imprensa”. Capturado em outubro de 2004.

¹² As referências que Thomas Mathiesen faz ao texto de Michel Foucault obedecem à edição inglesa. No Brasil, a obra foi traduzida por Ligia Pondré Vassallo, sob o título “Vigiar e punir: o nascimento da prisão” (1ª ed., Petrópolis/RJ, Vozes, 1977).



Do primeiro soar do tambor de manhã, fazendo com que os prisioneiros subissem e se vestissem em silêncio, até a oração, as horas de trabalho, as refeições, a educação, o descanso, o lavar das mãos, as inspeções das roupas, e finalmente a ordem, o silêncio e o sono. Foi-se a brutalidade aberta (...); ao contrário, há um sistema desenvolvido para regular a vida e em todos os detalhes.

Um “novo poder de julgar” era implantado através do controle do corpo, de modo que alguns poderiam supervisionar grande número de prisioneiros, sendo nesse sentido “panópticas” – da palavra grega *pan* que significa “todo” e *opticon* que representa o “visual”. Emerge daí um novo tipo de sociedade, para Foucault, pois o período da Antigüidade remete a civilização do espetáculo, que permite uma multidão inspecionar poucas pessoas e objetos, como no circo, no teatro, na comédia em praça pública, nos templos, na vida pública das festas. Com o início da Era Moderna há uma mudança nesse paradigma: “*obter para um número pequeno ou até mesmo para um único indivíduo a visão instantânea de uma grande multidão*” (Foucault *apud* Mathiesen, 1999:80).

Foucault (*apud* Mathiesen, 1999) explica que a sociedade não é mais aquela do espetáculo da Antigüidade, mas da vigilância pois o espectador do anfiteatro está agora na máquina panóptica, sendo parte de seu mecanismo. Isso ele diz no século passado.

Nos dias atuais do século 21 os meios de comunicação de massa – em especial a televisão – com grande força levam centenas de milhões de pessoas a ver e admirar alguns, sinalizando uma sociedade do espectador – ou telespectador.

O professor de Sociologia do Direito da Universidade de Oslo, Thomas Mathiesen ressalta que, ao redor das prisões da Noruega, cresceram sistemas organizados de vigilância para os que foram soltos. A vigilância computadorizada e organizada se alastra para toda a cidade, considerando a possibilidade dos furtos e crimes futuros.

Algo de suma importância está se perdendo. Certamente o aumento da vigilância em que poucos vigiam muitos. (...) Como um paralelo ao processo panoptista e concordando em detalhes com seu desenvolvimento histórico, vimos o desenvolvimento de um exclusivo e extenso sistema que habilita muitos a ver e supervisionar alguns. (Mathiesen, 1999:81).

Para Mathiesen, não só o panoptismo mas também o sinoptismo caracterizam a sociedade contemporânea do vídeo e das câmeras vigilantes. O conceito, segundo ele, é composto pelo grego *syn* que significa “ao mesmo tempo” e *opticon*, ou seja, a situação em que muitos focam algo comum que se encontra condensado. Vivemos, então, em uma sociedade espectadora.



Tomando por base o “ponta-pé inicial” de Mathiesen ao estudo em questão, complementa-se que “ao mesmo tempo” centenas de milhões de telespectadores assistem ao “visual” de uma final de Copa do Mundo de futebol pela televisão, por exemplo, onde se encontram poucas pessoas: a torcida, a comissão técnica, os jornalistas, os jogadores e...o juiz.

Quando se transporta essa questão do panoptismo e do sinoptismo para a cobertura do evento esportivo na televisão tem-se uma questão interessante: o ritmo do jogo, do espetáculo, é regulado pelos árbitros. O julgamento da jogada não é previsível como no teatro, no templo, no circo da Antigüidade, mas há o elemento da imprevisibilidade do espetáculo, vigiado em tempo real por centenas de milhões de pessoas. O telespectador é o juiz apenas através da opinião pública a respeito do evento esportivo.

Outro elemento importante. No panóptico os policiais do presídio de jovens de Paris vigiam muitos, exercendo controle e poder. Ao que parece, há uma punição para o jovem infrator só se capturado pelo sistema de vigilância. Não entra-se em detalhes. No sinóptico, e em se tratando do evento esportivo na televisão, o público telespectador não exerce controle, mas pode exercer através da formação de opinião sobre o fato esportivo. O erro de um juiz, por exemplo, pode gerar discussão nas praças públicas, nos locais de trabalho, revoltar torcida adversária, como também ser explorado na mídia várias vezes obedecendo a pauta do interesse econômico do programa esportivo (pois se todos comentam o erro do juiz nas ruas, a audiência do programa aumenta com o fato explorado no jornal).

A opinião do público telespectador sem controle para exercer intervenção naquilo que vê tem sua intervenção representada pela mídia eletrônica nos programas e debates esportivos, em espaços controlados chamados de “*vox populi*” (nas interativas ao vivo pela internet, “fala povo”, etc). A credibilidade de um juiz pode ser denegrida pela opinião pública e pelo programa esportivo na televisão.

Entretanto, se leva-se em conta o que diz Foucault sobre o panóptico que diz “somos parte de seu mecanismo” pois somos a máquina panóptica, pode-se dizer que o telespectador é parte do mecanismo da máquina sinóptica da televisão, pois o telespectador é o olho do câmera e do editor. Não há argumentos contra o poder da imagem, pois há um só olho: o olho eletrônico do 5º árbitro, espalhado pelas quatro linhas do gramado. A abordagem do telejornal esportivo sobre o fato de maneira sensacionalista ou não toma por base a realidade da jogada visível nas imagens do videotape. Superdimensionar o erro de um juiz na partida de futebol através da imagem não diz mais nada além do fato de que o juiz errou.

Portanto com o poder da imagem o poder do árbitro se desfaz. A sua credibilidade imaculada é rompida e ele ainda terá que enfrentar o próximo jogo televisionado, mas o árbitro de futebol ainda apita, ainda regula o espetáculo imprevisível.

2.1.1. Um Ajuste no conceito de Sinóptico

Propõe-se um ajuste no conceito de sinóptico de Mathiesen. Na sociedade espetáculo ou do espectador de hoje, então, o público controla, vigia e pune o juiz? Só na vida cotidiana do árbitro, pois a opinião pública não causa intervenção no evento esportivo. Quem assiste ao videotape e pune o juiz é a Comissão de Arbitragem. Portanto são os árbitros da Comissão que controlam, vigiam e punem o árbitro da partida, através das imagens da câmera. O poder continua na imagem que determina a sentença. Não se trata de opinião pública, mas sim de opinião política¹³ de um grupo sobre o fato. O juiz, então, não teme a opinião pública, mas sim a opinião política da Comissão de Arbitragem.

2.2. Marco Metodológico

A pesquisa foi do tipo exploratória por conta da dificuldade encontrada a partir do desenvolvimento do tema, no que se refere a encontrar material bibliográfico que pudesse respaldar um tema tão atual, tão contemporâneo.

Gil (1999: 46) recomenda que a finalidade da pesquisa exploratória é desenvolver um assunto novo na sua origem, esclarecer os fatos relevantes ao mesmo e tentar modificar conceitos e idéias em torno desse tema. Consideramos na nossa pesquisa a utilização de levantamento que de acordo com Gil (1999:70), as pesquisas desse tipo se caracterizam basicamente

pela interrogação direta das pessoas cujo comportamento se deseja conhecer. Basicamente, procede-se para a solicitação de informação a um grupo significativo de pessoas a cerca do problema estudado para em seguida mediante análise quantitativa, obter as conclusões correspondentes dos dados coletados.

Utilizando entrevistas semi-estruturadas, com perguntas abertas, porém, num nível qualitativo, a nossa amostragem foi do tipo probabilística, pois denota a seleção dos entrevistados ao acaso ou conforme as circunstâncias de acesso aos dados/pessoas que vão

¹³ Wilson Gomes fala que Opinião Política é a opinião de um determinado grupo social possuidor de opinião aprofundada sobre um fato. A opinião pública só existe quando o fato é publicizado de maneira democrática; quando todos tem acesso a notícia através da mídia ("Opinião pública hoje – uma investigação preliminar". IN: Fausto Neto, Antonio; Hohlfeldt, Antonio; etc al. "Práticas midiáticas e espaço público". Compós, Volume 1, 2001, p.71-82).



nos fornecer as informações. As perguntas argüiam basicamente a respeito da vertente “credibilidade”.

3. A Tecnologia como Árbitro e o Videotape

Uma má interpretação do árbitro no ultimo torneio do *US Open* de tênis – um dos cinco torneios de ênis mais importantes da Federação Internacional de Tênis e que faz parte do *Grand Slam*¹⁴ - contribuiu para tirar o campeonato das mãos da tenista norte-americana Serena Williams, em 2004. Por outro lado, na corrida de cavalos há muitas décadas que os finais das corridas são verificados através do “olho eletrônico” que mostra qual “nariz” de cavalo chegou em primeiro lugar. A mesma tecnologia é usada no atletismo quando dois atletas cruzam ao mesmo tempo a linha de chegada, neste caso são verificadas outras partes do corpo para tirar a dúvida¹⁵.

E no futebol?. No futebol é mais complicado, o problema parece crescer junto com o aumento da tecnologia de captação do fato esportivo pelas câmeras de TV. E os erros se agravam cada vez mais, pois as decisões são por “olhômetro” ou do “achômetro”¹⁶

Na Copa de 1998 surge o primeiro indício de tecnologia no futebol, o juiz e os bandeirinhas passaram a usar um *vibracall* que propiciava a comunicação entre eles. Mas e o tira-teima, o videoteipe, o *replay* do futebol, eles só servem para ser mostrado nos intervalos das partidas ou para que os jogadores revejam os jogos de seus futuros adversários?. Talvez seja possível dizer que não, mas, só a FIFA poderia mudar esse quadro, fazendo com que, como o *vibracall*, esses recursos fossem utilizados em prol do futebol; e talvez não fosse preciso gastar muito para se dar mais credibilidade ao apito do árbitro e as marcações dos bandeirinhas.

Antigamente era impossível se pensar no uso dessas tecnologias porque só existiam duas câmeras para transmissão “in loco”. Hoje em todo canto do campo tem uma câmera de televisão, isso faz com que tenhamos uma melhor visão do jogo, da torcida, das jogadas e das ações da arbitragem. Podemos dizer que hoje só falta ter uma câmera na bola e outra no árbitro já que até dentro do gol é colocada uma microcâmera, e quem sabe não fosse preciso¹⁷.

¹⁴ Conjunto dos quatro mais importantes torneios de tênis internacional. Fazem parte ainda o Australian Open, Roland Garros, Wimbledon. Os vencedores destes torneios já estão classificados para o último torneio do ano o qual afirma o melhor jogador do ano, ou seja, o campeão dos campeões.

¹⁵ C.f.: www.apcd.org.br/Biblioteca/Jornal/1998. Capturado em outubro de 2004

¹⁶ C.f.: www.bancobrasil.com.br/appbb/portal/bb/si/pbcs/rsm/Juca_Kfourri.jsp. Capturado em outubro de 2004.

¹⁷ Entrevista realizada com o jornalista Léo Medrado feita pelos pesquisadores em agosto de 2004. (gravado)

Algumas emissoras de TV já possuem toda essa tecnologia pronta para ser usada e com animação que permite uma análise precisa da posição da bola e do jogador em relação a cada ângulo do campo, porque é muito difícil para o torcedor aceitar que o juiz marcou um pênalti que não existiu ou que o mesmo existiu e ele não deu, que uma falta perigosa não gerou nem cartão amarelo, etc.

O futebol norte-americano utiliza o recurso do videoteipe para sanear dúvidas que surgem no decorrer da partida, durante a realização da mesma e a forma como isto é feito é muito simples: se um dos técnicos tem alguma dúvida em relação à marcação do árbitro, este se dirige ao reserva e levanta o seu ponto de vista. O juiz reserva então contata o árbitro principal e relata a reclamação do técnico, este de posse desta informação e junto aos árbitros de linha dirige-se a um canto do campo onde existe montado um pequeno aparato com monitores de televisão o qual permitem rever as jogadas quantas vezes forem necessário.¹⁸

Após assistirem as imagens os juizes se reúnem no centro do gramado e dão o veredicto: sim ou não. Se o técnico tiver razão volta o ponto ou a jogada se a resposta for negativa o jogo continua de onde parou. Tal procedimento não demora mais do que cinco minutos. É bom salientar que isto só acontece em casos extremos.

É certo que três fatores importantes distanciam o futebol americano do futebol tradicional e apenas um, os aproxima. O primeiro fator esta no órgão máximo que rege suas leis, seu estatuto; enquanto, a NFL (*National Football League*) é interna, a FIFA é internacional. O segundo fator, e talvez o mais complexo dos três, encontra-se na cultura dos dirigentes e técnicos que participam dessas duas formas de fazer futebol e o terceiro fator esta na dinâmica do jogo, apesar de ambos serem dinâmicos em sua forma, portanto, podemos dizer que este fator tem um peso médio.

As emissoras de televisão utilizam hoje no videotape os recursos da computação gráfica para fazer com que os telespectadores tenham mais interesse em assistir eventos esportivos, como jogos de futebol. Esses recursos congregam as informações mais precisas sobre o jogo, tais como: visualizar o impedimento de jogadores, se a barreira está na distância correta, etc.

É sabido que, cada vez mais, os recursos tecnológicos intervêm nas transmissões das TVs. O uso de câmera lenta com qualidade comparável à do cinema (*super slow motion*) e de um recurso chamado “*touch screen*”, que permite “desenhar” sobre a imagem congelada, para ajudar os comentaristas na discussão das “jogadas” (Folha de São Paulo, 16/6/1994 *apud* Toledo, 2002:199).

¹⁸ Captação de informação através das transmissões dos jogos da NFL em TV por assinatura.



Como seres humanos que são os árbitros são passíveis de erro e não contam com o recurso do videoteipe para agir com correção. Entretanto tal fato tem se repetido com muita assiduidade o que afeta ainda mais a “credibilidade” dos árbitros em geral.

Tomando emprestado as palavras de Roberto Beltrão, jornalista e editor da TV Globo Nordeste, em entrevista concedida aos pesquisadores em novembro de 2004:

(...) é importante o juiz ter essa perspectiva que ele tem que ser mais rigoroso com ele mesmo, com o trabalho dele, mais do que ele era antigamente. Porque no final ele continua soberano e continua sendo julgado. Ele pode não ser julgado objetivamente, mas pelo público ele é julgado.

4. Análises

Na partida entre o São Paulo F.C. e o Criciúma – pela 27ª rodada do Brasileirão da série A – do dia 19 de agosto de 2004, o atacante Grafitte, do São Paulo, sofre falta fora da grande área. Imediatamente o árbitro marca pênalti. Grafitte cobra e é o segundo gol da equipe paulista. O time paulista vence o jogo e esse erro de arbitragem resulta na perda de três pontos para o time catarinense.

Na partida Paraná e Santos, do dia 25 de agosto de 2004, o resultado foi um a um, mas já com o jogo empatado, o atacante do Paraná é derrubado dentro da grande área. Pela regra isso é pênalti, mas o árbitro não marca. Talvez se o mesmo tivesse marcado a penalidade máxima o Paraná tivesse terminado o primeiro tempo a frente do Santos no placar, com dois gols.

E não ocorre erros de arbitragem só entre os homens. Na partida entre as seleções de futebol feminino do Brasil e dos Estados Unidos durante as Olimpíadas de Atenas 2004, o jogo valia medalha de ouro. No tempo normal de jogo a partida termina empatada com o placar de um a um e, com isso, vai para a prorrogação.

No segundo tempo da prorrogação, a equipe norte-americana consegue marcar o seu segundo gol, o “golden gol”, ficando com o ouro.

Instantes antes do gol norte-americano, o absurdo: a zagueira direita dá uma de goleira e, visível aos olhos das câmeras, ela intercepta uma jogada brasileira com as duas mãos dentro da grande área norte-americana e o pênalti não foi marcado pela arbitra. Neste caso como a prorrogação terminaria quando uma das equipes marcasse o gol, o Brasil foi literalmente “roubado” ficando assim com a medalha de prata.

A análise desses três casos ilustra bem o que queremos provocar. Quem se sente roubado junto com a seleção brasileira é o torcedor brasileiro, telespectador que, inerte e “de

mãos atadas” pelo vídeo, não pode fazer nada a não ser aumentar o estresse, o número de palavrões e as doses de caipirinha.

Quando o fato esportivo (notícia esportiva) é remoto, ou seja, longe de onde se assiste, dias depois da partida a opinião pública se esquece. Mas quando o fato esportivo é local – como nos casos já citados anteriormente sobre o Criciúma e o Paraná – os torcedores desses times se sentem roubados, aqueles que acompanharam os jogos ficam um tanto frustrados e a rivalidade aumenta na opinião pública nas ruas da cidade ao longo dos dias.

A má arbitragem causa grandes danos as equipes de futebol, esse são relatos de apenas três casos de um universo de milhares. Por conta disso, essas partidas poderiam ter seus resultados alterados, se os recursos gerados através das imagens da televisão pudessem ser revistos no momento da realização das mesmas.

Rodrigo Cangelo, repórter de pista da Rádio Olinda, afirma ¹⁹ que o controle do quinto árbitro exercido sobre o árbitro principal da partida “vai tirar muito do brilho do futebol”:

Daquele negócio de ser uma coisa é como é que eu posso dizer, ali no momento né. Porque o juiz não tem recurso nenhum, uma coisa é você fazer um comentário, narrar e ter um comentarista que tenha esse recurso como tem na Globo e em vários outros canais né? Você tem o *replay* para ver. Porque no bandeirinha, no juiz é tudo na hora né? Se bem que como você falou existem muitos erros né? Cada erro grotesco que às vezes parece até tendencioso o negócio né? Mas, é uma coisa assim que de repente eu acho, na minha opinião, no meu ponto de vista, vai tirar um pouquinho o brilho do futebol.

Talvez esse “brilho” que o Cangelo fale seja a polêmica, o acirramento da rivalidade – que abastecem os programas esportivos e os debates esportivos e, conseqüentemente, o futebol enquanto negócio.

Mas Cangelo mostra que o “brilho” também poder estar no “erro humano” como centro da partida de futebol. A precisão da máquina poderia ofuscar esse erro do juiz “*daquela coisa do ser humano que tá ali dentro de campo e tudo mundo pode errar, é passível de um erro*”. O radialista acredita no uso do recurso do “tira-teima” do videotape não na hora do jogo, mas após a partida.

Mas, só que a CBF muito em pouquíssimos casos aplica pena que alguns clubes pegam o *teipe* levam até a CBF, mostram aquilo, fazem uma defesa pra poder culpar o árbitro né? E pouquíssimos árbitros pegam *geladeira*, pouquíssimos árbitros são punidos

E se conforma com a “cultura do erro” no futebol, pois reclamar faz parte do futebol e isso já é um fato que abala emocionalmente o juiz, quanto mais se o jogo parasse para o julgamento do videotape:

Todo mundo reclama, isso é cultura do futebol nacional. A gente vê técnico que reclama a exemplo de Hélio dos Anjos que já treinou aqui no Sport, o bandeirinha que fica ali correndo do lado do banco quando ele tava aqui no Sport sofria barbaridade porque ele reclama muito; e vê jogadores que pegam no pé do árbitro, pressionam, pressionam, pressionam e isso psicologicamente até influi na arbitragem né?

Émerson Sobral é árbitro de futebol há 9 anos. Ele confirma nossa hipótese²⁰ de que o erro humano da arbitragem é explorado nos programas esportivos que utilizam videotape como “gancho” da notícia:

O VT é importante para o futebol, mas no sentido a que ele se pratica hoje que é ta verificando, revendo momentos do jogo né, momentos bonitos, momentos interessantes, servindo realmente como relato da partida né, a cópia fiel né pra você poder ver depois do jogo do futebol o que aconteceu verdadeiramente na partida. Olha a minha visão ela vai completamente de encontro a isso, até porque sou árbitro, eu acho que tem muitas tem outras coisas que a gente pode ta observando no futebol como: jogadas belíssimas, gols maravilhosos e não se faz necessário explorar o erro pra que se tenha o que se discutir.

Ao que parece, Émerson Sobral teme mais a reação que o videotape possa causar na opinião pública que a Comissão de Arbitragem:

Se os dirigentes da arbitragem, àqueles que fazem a comissão de arbitragem, as presidências de federações acharem por bem punir o árbitro, que façam, mas que façam assim como a Justiça Desportiva faz quando vai julgar um árbitro, que façam em separado porque o árbitro precisa ter credibilidade, porque não existe campeonato de futebol sem a credibilidade da arbitragem.

A variável “credibilidade” surge da boca do entrevistado. O árbitro acredita que o juiz de futebol precisa acertar senão será punido, mas ele tem que ser mantido pois irá comandar outras partidas. E acredita que a tecnologia das câmeras na beira do gramado e o videotape pode até servir como recurso para rever jogadas e até punir de acordo com a lei o árbitro, mas a punição maior de acordo com Émerson Sobral é provocado pelos programas esportivos que exploram o erro da arbitragem na busca pela audiência:

Eu acho que as punições elas podem vir dessa maneira, mas nunca utilizar a tecnologia pra tá se explorando pessoas, seres humanos pelos através dos seus erros, eu diria até que é desumano, chega até ser desumano você tá se utilizando, tá construindo tecnologia coisa e tal pra tá denegrindo imagem de pessoas, seres humanos que estão ali com funções determinadas e que se sabe conscientemente que são passíveis de erro.

Francisco Domingos da Silva é coordenador técnico de arbitragem. Atuou como árbitro da Federação Pernambucana de Arbitragem durante 18 anos. Em entrevista concedida

¹⁹ Entrevista concedida a pesquisadora em agosto de 2004 (gravado)

²⁰ Entrevista concedida à pesquisadora em setembro de 2004 (gravado)

em 14/09/2004, Domingos afirma que a FIFA não permite o uso do videoteipe, mas na opinião dele o VT é bom:

Para mim é bom porque as dúvidas são dirimidas na hora - e a questão do futebol as dúvidas só são dirimidas 24 horas após - principalmente porque se mostra aquele videoteipe ali. Mas acontece que os protagonistas do futebol: médico, técnico, preparador físico, imprensa, eles tão lá e vão ver e todo mundo já sabe através do videoteipe que aquela bola foi pênalti ou não foi pênalti. Porque um lance polêmico na primeira vez você não pode dirimir essa dúvida, você tem que passar uma vez, duas, três, quatro; aquilo foi pênalti, então é isso é polêmica e a FIFA não aceita.

Alessandro Guedes é jornalista, editor e produtor da Rede Globo Nordeste e está na função há 8 anos. Ele diz ²¹que antigamente uma transmissão de futebol era gravada com cinco câmeras:

A Câmera 1, a Câmera de Cima a que acompanha o jogo todo, as Câmeras de Traz da Barra de um lado e do outro; tinha ainda a Câmera dos Técnicos, a Quarta Câmera e a Quinta Câmera é a que dá suporte a principal, como se fosse a câmera reserva, mas, é uma câmera mais aproximada, fica também na cabine.

Com o passar do tempo, segundo Guedes, houve a necessidade de tirar dúvidas de lances polêmicos, e normalmente os lances polêmicos são lances de impedimento ou então, se a falta foi ou não na área. Daí criou-se a Sexta Câmera e a Sétima Câmera, que são as câmeras da transmissão de futebol que fica na linha do impedimento.

Qual é a linha do impedimento? Aquela que a câmera fica mais ou menos próxima a linha da grande área, a primeira listra da grande área tanto de um lado da barra quanto de outro. O enquadramento dela é um pouco mais aberto pra pegar o lance que a câmera 1 não mostra com precisão. Então, com o passar do tempo foi verificado que essa câmera era necessária e ela foi aplicada.

Guedes afirma que essa câmera fica disponível para ser utilizada normalmente em *replay*, em reprodução de imagem. A reprodução da imagem durante a partida de futebol serve para o torcedor ou telespectador como também para a equipe jornalística da cobertura de futebol.

Nos dias seguintes, os programas esportivos abordam esses lances polêmicos durante os programas, principalmente os programas de debate esportivo. Também é usado o videoteipe no intervalo dos jogos entre um tempo e outro, para avaliar a veracidade da arbitragem.

Eu não conheço o futebol americano, *mas tecnicamente com certeza, há essa possibilidade de uma verificação imediata*. Há essa verificação, porque, funciona da seguinte maneira: quando tá se gravando o futebol e é ao vivo, a pessoa que seleciona as imagens numa transmissão ao

²¹ Entrevista concedida à pesquisadora em outubro de 2004 (gravado).

vivo chama-se diretor de TV ou diretor de imagem. Essa pessoa seleciona através de uma mesa seletora em que a cada seleção de imagem, a imagem que ela selecionou ao mesmo tempo, que tá sendo exibida, ela também tá sendo gravada. Por isso algumas câmeras estão sendo gravadas independente que ele selecione ou não a imagem; justamente porque se você observar na transmissão de futebol nem sempre a imagem esta sendo reproduzida, a imagem ta sendo em *replay*, ela já tem sido, ainda não foi ao ar, muitas vezes ela ainda não foi ao ar porque as câmeras estão sendo gravadas paralelamente à seleção de imagens ao vivo, essa é uma opção.

A outra opção, segundo Guedes, é quando todas as câmeras têm seu gravador independente umas das outras.

Esse também é outro sistema, mas, habitualmente utiliza-se dessa forma as câmeras principais, passa pela seleção de imagem do diretor de TV, e outras câmeras como essa câmera do impedimento tanto de um lado quanto de outro, elas estão sendo gravadas paralelamente a seleção de imagens. Então numa necessidade imediata de um recurso imediato de exibição não teria nenhum problema tecnológico de ser exibido de imediato, até porque essas imagens não são gravadas é, é após elas serem gravadas há a necessidade delas serem reproduzidas; elas têm um recurso chamado *slow motion* que é um recurso de câmera lenta. Com esse recurso se vê com precisão qual é o lance da dúvida, como tirar a dúvida.

O comentarista pode escolher uma imagem e sugerir. Na emissora ficam os coordenadores de jornalismo e produção em comunicação com o locutor através do ponto eletrônico. Há uma coordenação para que o editor de imagens e o locutor não percam lances da partida.

Essas sete câmeras citadas por Guedes é utilizada aqui no Recife, mas no Rio de Janeiro e em São Paulo o normal são 12 (doze). Além das sete câmeras tem uma que fica no trilho (*travelling*) acompanhando o movimento na lateral, dando maior movimento na transmissão.

Mas também, uma falta mais desleal àquela câmera capta. Existe tanto na lateral de um lado do campo, quanto do outro. Outras vezes tem a câmera que fica no meio do campo pegando só imagens de *close*, *zoom*, pra coisa da plástica, e também, câmera invertida porque se você observar todas as câmeras estão no mesmo eixo, o que o mesmo eixo do mesmo lado? Quando se coloca uma câmera do outro lado se inverte a posição da imagem então, normalmente, quando acontece esse recurso ou se aparece em caracteres dizendo que a câmera ta invertida ou o próprio locutor justificando aquela imagem porque senão você perde a noção do espaço.

Roberto Beltrão, em entrevista concedida em 22/11/2004 (gravado), afirma que o locutor esportivo em TV participa de uma maneira indireta da escolha das imagens, que é feita de acordo com a relevância que elas têm para a partida em andamento.

Então, uma bola na trave é importante, então logicamente, o editor de imagem vai colocar; uma falta, uma expulsão, o gol claro o cara vai botar, o gol anulado né? E quando às vezes quando tem o gol anulado ele vai colocar o fato, gerador da anulação, quer dizer, se foi assim impedimento então, o editor de imagem obrigatoriamente, vai mostrar. Ele vai colocar aquela imagem que gerou, que demonstra porque que o gol foi anulado.

Sobre o uso do VT como o quinto árbitro no futebol:

Hoje em dia, há grande número de câmeras e a como é que se diz assim, a capacidade técnica das câmeras de aproximar o lance e assim o recurso da computação gráfica por exemplo né? Então, esses recursos que suscitaram essa discussão da necessidade do da forma de arbitragem partidas mudem, porque se não houvesse televisão, até hoje, a palavra do juiz ia ser soberana sempre, porque ninguém (...) ia ficar a polêmica não foi num foi, foi num foi né? Mas, a câmera é que demonstra, a câmera disse: ó ta vendo ó o juiz errou, e o juiz erra mesmo, você vê claramente que a arbitragem passou a ser julgada de uma maneira assim, ela ficou na berlinda depois da televisão e do aprimoramento da televisão.

Beltrão acredita que o VT como o quinto árbitro suscita a existência de uma Câmera Especial da Comissão de Arbitragem, e não a utilização das câmeras da cobertura jornalística das emissoras.

Agora era preciso que houvesse, que a imagem que fosse usada não fosse da transmissão, fosse a imagem de câmera independente, bancada pela federação no caso a CBF ou federações locais, porque a imagem de televisão pode gerar polêmica e o cara pode ser passível de manipulação não é?

E Beltrão lança mais uma polêmica. O poder de opinião do telespectador – o que estamos chamando aqui de “o quinto árbitro” – aumenta quando o receptor nos dias atuais pode assistir um jogo e revê-lo, na hora em que acontece, por vários ângulos:

Você imagina essas TV's por assinatura que o cara, o cara que tá em casa, isso é um avanço absurdo né? Escolhe o ângulo né? Quer dizer como isso ai foi decisivo pra mudar o papel do árbitro né? Quer dizer que não mudou porque as federações, a FIFA e tal, continuam arraigada ao papel antigo do árbitro, mais tem que mudar, com certeza porque ninguém aceita mais uma coisa dessa né? Vendo pela televisão.

Considerações Finais

De acordo com o nosso objetivo de realizar uma pesquisa exploratória sobre a provocação causada pelas tecnologias de captação de imagens, de edição de imagens e do videoteipe (VT) com relação à cobertura telejornalística de jogos de futebol, consideramos finalmente que há indícios significativos de que o “olho eletrônico” das câmeras na beira do gramado funciona enquanto alçôz do árbitro diante menos da Comissão de Arbitragem do que da opinião pública, ou seja, o árbitro teme cada vez mais o “Grande Irmão” das câmeras na beira do gramado; teme o controle das câmeras como um *sinóptico*, isto é, vários olhos que vigiam a atuação dele em campo: os olhos da Comissão de Arbitragem, dos jornalistas, radialistas e do público. O público vigia o juiz e pode puni-lo arranhando sua credibilidade, sob o controle daquilo que a mídia exhibe no videotape. Os programas esportivos utilizam o erro humano do



árbitro enquanto fato do evento esportivo à venda, por vezes dentro de uma prática sensacionalista do jornalismo.

Do jeito que está, ou oficializa o VT enquanto o quinto árbitro no futebol para minimizar as polêmicas provocadas pelos programas esportivos ou a credibilidade dos árbitros estará sempre ameaçada pelo sensacionalismo jornalístico sobre o fato esportivo. Isso por que esse *sinóptico* pode estar afetando o futebol enquanto negócio à venda.

Não é por menos que hoje em dia para se fazer uma transmissão de uma partida de futebol, algumas emissoras de televisão façam uso de várias câmeras em pontos estratégicos do campo. Isso dá uma melhor visibilidade do jogo e capta melhor as jogadas e lances duvidosos que serão expostos nos melhores momentos com riqueza de detalhes.

Sem dúvida nenhuma o árbitro é soberano numa partida e a sua palavra é lei. Porém, isso com a câmera os erros graves que venham a afetar o resultado de uma partida está sendo visto por muitos. Por conta de tais erros muitas equipes acabam prejudicadas e o trabalho de um ano inteiro é completamente destruído. O fato é que a grande maioria dos clubes tem se queixado do problema e não consegue discutir a questão democraticamente com a comissão de arbitragem da CBF.

Apesar da vigilância das câmeras de TV, nenhum árbitro escapou do olho crítico do torcedor e da mídia nas últimas décadas. É válido ressaltar que o problema do nível de arbitragem, no futebol, parece ser universal. Talvez seja o reflexo do tecnocentrismo: a máquina mais verdadeira que as decisões dos homens.

O receptor enquanto o vigia e o punidor, se desinteressa pelo futebol? O receptor com o controle remoto nas mãos muda de canal, punindo a emissora, e no dia seguinte pune o árbitro nas rodas e conversas de bar? Ou VT poderia funcionar como mais um astro do espetáculo? Cumprimos nessas considerações finais com o objetivo de provocar a discussão. A respostas para essas outras perguntas só o tempo dirá.

Referências Bibliográficas

ALMEIDA, Alda de; MICELLI, Márcio. “Rádio e futebol: gritos de gol de Norte a Sul”. IN: www.jornalismo.ufsc.br/redealcar/GT/historia/Almeida.doc, (2004). Acessado em 30/09/2004.

COSTA, Andréia Cristina Barros. “Bate-bola com a crônica: o futebol, o jornalismo e a literatura brasileira”. IN: www.facom.ufjf.br/projetos, (2001). Acessado em 30/09/2004.

AUMONT, Jacques. “A Imagem”. Trad. Estela dos Santos Abreu e Cláudio Santoro. Campinas/SP: Papirus, 1993.



COELHO, Paulo Vinícius. “Jornalismo esportivo”. São Paulo: Contexto, 2003.

GIL, Antonio Carlos. “Métodos e técnicas da pesquisa social”. SP: Atlas, 1999.

MACIEL, Pedro. “Jornalismo de televisão: normas e práticas”. Porto Alegre: Sagra Luzzatto, 1995.

TOLEDO, Luiz Henrique. “Lógicas no futebol”. SP: Hucitec/Fapesp, 2002.

_____. Torcidas Organizadas de futebol. Campinas/SP: Autores Associados/ Anpocs, 1996.

MATHIESEN, Thomas. “A sociedade espectadora. O ‘panóptico’ de Michel Foucault revisitado”. Revista Margem – Tecnologia, Cultura, Nº 08. São Paulo: EDUC/FAPESP, dezembro de 1998, p. 77-95.

MORAIS, Maria Luíza Nóbrega de; DUARTE GOMES, Ricardo; et al. “De 50 a 70: Aspectos do Radiojornalismo esportivo em Pernambuco”. Revista Ícone – Núcleo de Pesquisa em Comunicação/UFPE, Ano 1, Nº 1, Recife, setembro de 1995, p.34-37.

Sites

Bate bola com crônicas. IN: www.facom.ufjf.br/projetos. de 01 de setembro de 2004. Capturado em 30/09/2004.

Brasil Penta Campeão. IN: www.mateuscursino.tripod.com/historia.htm. Capturado em 06/10/2004

Cunha, Fábio Aires da. *Evolução do futebol no cenário mundial*. IN: www.cdof.com.br/futebol2.htm. Capturado em 24/09/2004.

O nascimento de uma paixão – 1894-1930. IN: www.futebol.bol.com.br/historia. Capturado em 06/10/2004.

São Paulo Futebol Clube. Entrevistas - 2004. IN: www.saopaulofc.nt/especiais

Kfourir, Juca. Jornalismo esportivo: uma visão crítica. IN: www.bancodobrasil.com.br/juca_kfourir.jsp. Capturado em 28/09/2004.

Futebol estréia a externa e o ao vivo. IN: www.tvgazeta.com.br/historia/50.htm. Capturado em 01/11/2004.